

sem as investigações dum *Herder*, muito discutidas quando da sua aparição, sem a re-descoberta de *Shakespeare* esquecido e o fanatismo dos «*Stuermer und Draenger*, revoltados contra a forma — *clichê* dessas comédias francesas do fim do século XVIII tão em voga nas côrtes dos príncipes alemães? Qual a base da obra dum Ricardo *Wagner* sem a polifonia desenvolvida pelos contrapontistas, sem a cultura que *Metastasio* trouxe a matéria poética, ao texto da ópera, e sem os novos valores orquestrais estabelecidos por *Beethoven* e *Berlioz*?

Quando alguém lamenta as novas vias abertas à pintura por *Kandinsky*, *Picasso*, *Braque*, *Chagall*, *Chirico*, *Vlaminck*, *Dérain* e todos os novos que por eles se orientam — que se lembre do escândalo provocado pelas primeiras exposições dos impressionistas. E aqueles que condenam as tendências da poesia e prosa actuais que se recordem do acolhimento que sofreram as primeiras edições das «Flores do Mal» — das tragédias de *Schiller*. Será preciso aludir à compreensão dos contemporâneos de *Beethoven* pelas suas sinfonias? Ou a essas hostilidades que *Wagner* encontrava procurando desesperado um teatro para os seus dramas musicais? E que pensem na indiferença de dois séculos inteiros pela obra de *J. S. Bah*.

Admito que difficilmente se pode conceder plena justiça à época em que se vive. O génio antecipa-se demasiado por aquilo que se dirige ao homem livre de certos preconceitos que obscurecem as gerações dos seus contemporâneos.

Mas o que o entendimento recusa pode ser substituído parcialmente pela boa vontade: E isto é justamente o que falta ao académico prevenido contra tudo o que promete uma inovação e porá, talvez, em dúvida as suas doutrinas (que não lhe bastam a si e que ele quere impor a todos). Mas pela sua imobilidade indiferente, a sua hesitação, a sua apreciação teimosa do me-

díocre mascarada de prudência e que nos deve desenganar sobre a insegurança evidente e a falência das suas faculdades críticas, confessa o seu revés.

A arte fala imediatamente à alma: — não compreender a arte do seu tempo — é ignorar a beleza do seu tempo e as tendências culturais que se dirigem sempre a um futuro. O gesto de isolamento ante a arte contemporânea significa isolamento ante a sociedade — e, por consequência: ante o homem... Não considerar os valores do seu tempo é não pertencer ao seu tempo...

E, com efeito, a história das Academias iguala-se quasi à história dos graves erros sobre a arte e os artistas. O estudo do passado pode ensinar-nos o bastante sobre isso. E, infelizmente, não é preciso procurar muito longe...

Há várias maneiras de render homenagem ao passado, das quais a mais fraca e a que é, sobretudo, desprovida de espírito, consiste na adoração nostálgica e suspirante «do que foi belo uma vez, ai de nós! não voltará a sê-lo...»

Quando se considera que todo o movimento começa por uma demolição de ídolos velhos e que os artistas só se concebem como iniciadores e partidários *activos* de esta indelicadeza para com o convencional adquirido, quando se considera ainda que todos os movimentos se dissolvem ao aproximar-se da sua perfeição e finalmente se perdem na triste dança macabra do epigonismo vasio e barato e acabam na prostituição: compreende-se que só se pode respeitar a arte respeitando *tôdas* as formas as quais ela transmite à vida; porque, para falar como Ricardo Hamann: «Cada tempo tem a sua arte, e cada arte tem o seu tempo».

Embora a vida se repita infinitamente, ela é muito abundante para que se manifeste duas vezes da mesma maneira.

E como arte não é mais do que uma manifestação da vida...

À Administração dos Correios

«Sol Nascente» protesta junto da Administração dos Correios e Telégrafos contra o mau serviço de alguns dos seus funcionários. Há aqui exemplares devolvidos que nunca estiveram presentes em casa do destinatário. Pedem-se providências.

À venda na nossa Administração:

Rendas Vermelhas

Sonetos de LYGIA

Cada exemplar: 7\$50

deiro, estando firmemente decididos a não homologar como verdade senão o que lhes parecer conforme com as suas secretas aspirações. Uma análise detalhada liga o misticismo à constituição ciclotímica feita de alternativas de êxtase e de se-

cure, de agitação e de torpor, de entusiasmos e de anclidade.

O facto de ser religioso (sob uma destas três formas) é estritamente um *assunto privado* como o amor à música ou o gosto pelos desportos; é fora de dúvida que todos os nossos

amigos — crentes ou descrentes — se porão de acôrdo neste ponto. Nada impede de ser pessoalmente um católico praticante e ser socialmente adquirido pelo laicismo do Estado.

Marcel Boll.